

**Memórias Póstumas de Brás Cubas:
Antropologia e Escatologia em Machado de Assis**
**The Posthumous Memoirs of Brás Cubas:
Anthropology and Eschatology in Machado de Assis**

Matheus Manholer de Oliveira¹
Gustavo Escoboza da Costa²

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo identificar a relação entre Teologia e Literatura na obra Memórias Póstumas de Brás Cubas de Machado de Assis, a partir de um recorte antropológico e escatológico. Através do método de análise bibliográfica da obra machadiana e do seu confronto com a perspectiva antropológica e escatológica cristã, constata-se que o ser humano, à medida em busca responder as questões correspondentes ao sentido da vida, vai se construindo e descobrindo, em um profundo desejo de ser. Tal sentido é manifestado sobretudo na experiência do amor, que é vivido pelo protagonista da obra não apenas de forma erótica, mas também de maneira caritativa.

PALAVRAS-CHAVE

Machado de Assis; Literatura; Teologia; Antropologia; Escatologia.

ABSTRACT

This article aims to identify the relationship between Theology and Literature in the work The Posthumous Memoirs of Brás Cubas by Machado de Assis, from an anthropological and eschatological perspective. Through the method of bibliographical analysis of Machado's work and its comparison with the anthropological and Christian eschatological perspective, it is clear that the human person, as he seeks to answer the questions corresponding to the meaning of life, builds and discovers himself, in a deep desire to be. This meaning resides in the experience of love, which is experienced by the protagonist of the work not only in an erotic way, but also in a charitable way.

¹ Doutorando em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). Mestre em Filosofia pela PUCPR. Graduado em Filosofia e Teologia pela PUCPR.

² Mestrando em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). Graduado em Teologia pela PUCPR.

KEYWORDS

Machado de Assis; Literature; Theology; Anthropology; Eschatology.

Introdução

A literatura é um instrumento que o ser humano utiliza para responder aos seus principais questionamentos existenciais, pois ela é uma forma de exteriorizar aquilo que é intrínseco a humanidade, porém, a sua característica singular é ultrapassar a mera linguagem científica e revelar as nuances da subjetividade do ser humano e conferir sentido a sua vida.³ Nesta dinâmica, é possível observar a relação inerente entre Teologia e Literatura, pois a primeira faz referência direta não a uma perspectiva confessional, com ênfase doutrinária, mas ao sentido da vida, bem como a relação do ser humano que busca o significado da sua existência. A fim de exteriorizar esta relação, o homem se vale da literatura e da sua linguagem metafórica para expressar seus anseios mais íntimos. Neste sentido, a literatura brasileira é assinalada pela presença de diversos escritores que procuraram manifestar em seus escritos as principais nuances da vida humana. Um dos autores magnos brasileiros é Machado de Assis (1893-1908), o qual revela em suas obras diversas características teológicas, pois discute questões ligadas a existência humana, especialmente no que se refere a moral e ao sentido último da vida humana.

A sua obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, publicada em 1881, é um marco fundacional na literatura brasileira, pois ela inaugura o período do Realismo, que tem como principal aspecto a objetividade das narrações, demonstrando a realidade tal como ela se apresenta. Nesse sentido, levando em consideração que essa obra apresenta nuances teológicas e as contrapõe com a doutrina cristã nos aspectos antropológicos, intentamos abordar a concepção de ser humano que permeia obra e, ao mesmo tempo, as nuances escatológicas, que fazem referência ao modo como Machado de Assis concebe a finitude humana.

Por conseguinte, a partir da leitura, é possível constatar que o conceito de ser humano machadiano está intrinsecamente relacionado com a sua finalidade, não podendo dissociá-los. Machado de Assis, conforme os pesquisadores de sua obra⁴, teve contato com a filosofia niilista, por isso, retrata em sua obra a dialética entre o “ser” e o “não ser”.

O defunto autor, como ele se denomina na obra, é confrontado com a finitude da vida, o qual a realidade exige uma resposta dele sobre o sentido da vida. Na pesquisa procuramos ter contato com as obras antropológicas, tanto da perspectiva teológica quanto filosófica, pois ambas não se anulam, mas se complementam, de modo que percebemos que a dimensão escatológica já está contida nas reflexões antropológicas.

O caráter dramático da vida, o qual se caracteriza pelo enfrentamento com as questões existenciais “Por quê” e “Para quê”, revela ao indivíduo que ele não é simplesmente ser humano, mas é uma pessoa humana, dotada de vida e liberdade, as quais tem a sua máxima expressão

³ MANZATTO, Antonio. *Teologia e Literatura: reflexão teológica a partir da antropologia contida nos romances de Jorge Amado*. São Paulo: Loyola, 1994, p. 21.

⁴ Destacamos dois pesquisadores: BRANDÃO, Octávio. *O niilista Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Simões Editora, 1958; e REALE, Miguel. *A filosofia na obra de Machado de Assis*. São Paulo: Pioneira, 1982.

no amor. Destarte, pode-se estabelecer uma distinção entre o humano e o pessoal, pois o primeiro está relacionado a uma dimensão mais biológica e instintiva, já o segundo àquilo que caracteriza propriamente o sentido da vida, aos questionamentos existenciais.

Por fim, neste artigo procuramos identificar os aspectos antropológicos e escatológicos na obra machadiana, o qual constatamos que a sua grandeza e perenidade está no modo como ele conjuga esses dois elementos, que longe de ser um tratado teológico, apresenta sutilezas cristãs que elevam Machado de Assis à imortalidade não apenas na Academia Brasileira de Letras, mas aos grandes clássicos da Literatura Universal.

1. O realismo paradoxal: a construção do mundo pessoal

Machado de Assis, em sua obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, a qual marca o início da fase realista de seus livros, apresenta singularidades que na História da Literatura Brasileira não tinha precedentes, principalmente do ponto de vista antropológico, pois o homem machadiano é retratado com sutilezas, de modo que revelam a universalidade que se encontra não somente nos brasileiros, apesar de serem romances nacionais, mas o modo como ele descreve as personagens revela características universais do espírito humano.

O ser humano descrito por Machado de Assis é aquele que é confrontado com situações limítrofes, os quais exigem respostas profundas a respeito do sentido da vida. Observamos essas questões especialmente em dois temas, que envolvem toda a narrativa machadiana: a morte e o amor. Esses dois assuntos, caros ao escritor brasileiro, constituem a dramaticidade da vida humana, as quais de uma certa maneira a Teologia confronta cotidianamente em suas reflexões.

Apesar da narrativa apresentar algumas vezes uma antropologia a-religiosa, Machado de Assis defende uma visão integral de ser humano, sendo este constituído de corpo, alma e espírito, o qual não existe divisões na narrativa a respeito da constituição da pessoa humana, por isso, pode ser prontamente confrontada com uma perspectiva religiosa. A grandeza de Machado de Assis encontra-se nessa percepção integral, a qual a dimensão corpórea não é subjugada, mas pelo contrário, é plenificada e redimensionada, permitindo um diálogo com as diferentes áreas do saber: filosofia, teologia, psicologia, entre outras.

No primeiro momento, o leitor, ao se deparar com uma narrativa em que o narrador é um defunto, pode-se inferir que Machado de Assis é um platonista e considera o corpo como cárcere da alma, contudo, ao longo da obra, somos conduzidos a uma interpretação diferente de ser humano, o qual os sentimentos são salientados e o corpo, longe de ser visto como prisão, é compreendido como afirmação da vida.

Para assimilar a antropologia e a escatologia em Machado de Assis, faz-se mister entender o realismo da obra, que não é simplesmente um recurso ou uma escola literária, mas é um elemento peremptório, pois conjuga em si literatura e Teologia. O realismo machadiano pode ser interpretado a partir da concepção do escritor italiano, Luigi Giussani, o qual em sua obra *O senso religioso* o define como:

O realismo exige que, para observar um objeto de modo tal que ele seja conhecido, o método não seja imaginado, pensado, organizado ou criado pelo sujeito, mas *imposto pelo objeto*.

[...] Mas o método para saber de que verdadeiramente se trata é-me imposto pela própria coisa
[...] Não pode ser definido por mim.⁵

Em Machado de Assis, o defunto autor é confrontado com o próprio objeto, isto é, com a própria vida, com tudo aquilo que a constitui, de modo que não são simples elocubrações da personagem, mas, ao contrário, é a vida se impondo e exigindo respostas da pessoa humana. Neste sentido, o realismo machadiano revela a dramaticidade da vida humana, a exigência de sentido.⁶ O mundo provoca no homem questionamentos que o levam a responder de duas maneiras: com a própria vida, isto é, com a sua história de vida, ou com devaneios, com a fuga da própria realidade. Observa-se que Machado de Assis conjuga com destreza esses dois modos, pois Brás Cubas é aquele que ao ser confrontado com a realidade da vida apresenta essas duas respostas, porém, mesmo nas próprias fantasias, o homem é convidado a confrontar-se com realidade:

– Não te assustes – disse ela –, minha inimizade não mata; é sobretudo pela vida que se afirma. Vives: não quero outro flagelo.

– Vivo? – perguntei eu, enterrando as unhas nas mãos, como para certificar-me da existência.

– Sim, verme, tu vives. Não receies perder esse andrajo que é teu orgulho; provarás ainda, por algumas horas, o pão da dor e o vinho da miséria. Vives: agora mesmo que ensandecestes, vives; e se a tua consciência reouver um instante de sagacidade, tu dirás que queres viver.⁷

Observa-se nesse diálogo um elemento paradoxal, o qual é fruto do realismo machadiano, mas, ao mesmo tempo, algo peremptório de sua antropologia e escatologia: a dramaticidade da vida humana – o confronto da finitude com a infinitude, da vida com a morte. Esse paradoxo constitui a vida humana e Machado de Assis com sutilezas revela e sintetiza em um simples diálogo o drama da pessoa humana.

À vista disso, o realismo na obra machadiana está relacionado com a visão pessimista do autor, sobretudo, acerca da vida humana, caracterizada em *Brás Cubas* pela busca de prazeres fortuitos, em que as personagens desejam completar a sua carência através de prazeres transitórios. Neste sentido, a obra está pautada na dicotomia entre essência e aparência, destacada por Castelar de Carvalho⁸, em que as personagens, ao longo da narrativa, revelam que a essência humana está pautada no egoísmo.

O pessimismo reflete a visão que Brás Cubas tem da realidade. No capítulo XXXVI, ao falar das botas, observamos que, por ser paradoxal, a realidade adquire um tom dramático:

Então considereí que as botas apertadas são uma das maiores venturas da Terra, porque, fazendo doer os pés, dão azo ao prazer de as descalçar. Mortifica os pés, desgraçado, desmortaifica-os depois, e aí tens a felicidade barata, ao sabor dos sapateiros e de Epicuro [...] Em verdade vos digo que toda a sabedoria humana não vale um par de botas curtas.⁹

⁵ GIUSSANI, Luigi. *O senso religioso*. São Paulo: Companhia ilimitada, 1988, p. 18. grifo nosso.

⁶ QUEIROZ, M. E. *Machado de Assis e a religião: considerações acerca da alma machadiana*. Aparecida: Ideias e Letras, 2008, p. 189.

⁷ ASSIS, Machado de. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. 1. ed. São Paulo: Penguin Classics, Companhia das Letras, 2014, p. 52-53.

⁸ CARVALHO, Castelar. *Dicionário de Machado de Assis: língua, estilo, temas*. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.

⁹ ASSIS, 2014, p. 132.

A ironia do narrador revela uma crítica à condição humana, fundamentada na dualidade entre o prazer e a insatisfação. A máxima machadiana de reduzir a sabedoria humana a um par de botas curtas mostra a desproporção da vontade humana em se submeter à realidade mundana. Ao se observar esse tom sarcástico de Brás Cubas, nota-se que o realismo machadiano ultrapassa os níveis literários e chega a se observar uma perspectiva filosófica, pois se constrói uma visão de mundo na narrativa, que não desconsidera a fantasia da obra.¹⁰

Machado de Assis, ao se enveredar pelas nuances do interior humano¹¹, revela a dramaticidade da existência, em que se pode apenas pensar paradoxalmente, pois é o modo como a própria realidade se revela, isto é, através do contraste entre os opostos, como por exemplo, entre o bem e o mal, o prazer e a insatisfação. Esse realismo machadiano se manifesta “virado para as manifestações psicológicas, sobretudo aquelas que se dissimulam por trás das aparências, nas paragens sombrias da mente”¹², porém, não é psicologista, voltado simplesmente para o interior humano, mas é objetivo, pois trata-se de uma compreensão do mundo.

A dramaticidade da vida é expressa principalmente nos romances da segunda fase, a realista, em que se destaca *Brás Cubas*. Para compreender essa característica dramática da vida no realismo machadiano, utilizamos as reflexões do filósofo espanhol, Julián Marías, o qual apresenta em sua antropologia a dimensão do drama humano. Porém, deve-se compreender que nos valem da obra dele para auxiliar-nos na reflexão da obra de Machado de Assis, pois entendemos que existe uma “atmosfera filosófica” em suas obras.¹³

Segundo Marías, a vida humana é constituída por uma dimensão futurística, ou seja, o ser humano está sempre orientado, projetado para o futuro. Nas circunstâncias da vida, como um ser livre, ele deve realizar escolhas, as quais permite com que ele aja no mundo. Devido a essa condição de *ser* humano e este ao se confrontar com a sua dimensão projetiva, revela-se nele o seu mundo pessoal.

Machado de Assis apresenta em sua obra o mundo pessoal de Brás Cubas, mas não se restringindo a apenas a personagem, mas revela a universalidade do mundo pessoal humano, o qual é constituído por duas dimensões: argumentativa e dramática. O defunto autor, ao olhar a sua vida, os principais acontecimentos, confronta-se com duas perguntas existenciais: “Por quê?” e “Para quê?”, as quais estão articuladas no drama da vida humana e constituem o caráter argumental da existência. De acordo com Marías:

Por isso a vida humana jamais se esgota naquilo que faz e no que lhe acontece, mas envolve uma pluralidade de *trajetórias* – realizadas ou não, ou em distintos graus – que formam o verdadeiro conteúdo da vida. A vida humana tem caráter *dramático*, porque não é uma série de atos ou fatos, mas *acontece* sob a forma *de algo que acontece a alguém*. O “alguém” é a condição necessária do acontecer.¹⁴

Apesar da subjetividade da narrativa machadiana, esta apresenta uma perspectiva objetiva, pois o ser humano retratado em Brás Cubas representa toda pessoa humana que é confrontada

¹⁰ COUTINHO, Afrânio. *Introdução à Literatura no Brasil*. 18ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

¹¹ RODRIGUES, Antenor Salzer. *Machado de Assis: personagens e destinos*. Rio de Janeiro: Bom Texto, 2008, p. 18.

¹² MOISÉS, Massaud. *Machado de Assis: ficção e utopia*. São Paulo: Cultrix, 2001, p. 24.

¹³ COUTINHO, Afrânio. *Machado de Assis na literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 1990, p. 124.

¹⁴ MARÍAS, Julián. *Mapa do mundo pessoal*. Campinas: Editora Auster, 2021b, p. 19. grifo nosso.

com o realismo da existência. Ademais, Mariás faz uma distinção entre humano e pessoal: o primeiro se refere a uma vida sem questionamentos, já o segundo alude ao drama da vida humana, a qual se indaga e deve responder as questões sobre o sentido da vida.

O mundo pessoal indica a perspectiva relacional do ser humano, isto é, o modo como ele se relaciona com a realidade do mundo e com as outras pessoas a sua volta. Outrossim, Mariás se vale desse termo ao falar da pessoa humana e vai além deste mesmo, procurando traçar um *Mapa do mundo pessoal*, o qual tem como ponto fulcral a própria pessoa humana, e não questões secundárias a ela. Quando se usa o termo “mundo pessoal”, este faz referência à constituição da pessoa humana, a partir da busca pelo sentido diante da finitude existencial.

O *Mapa do mundo pessoal* nos auxilia a interpretar a obra de Machado de Assis, pois este mapa tem como característica “conservar o caráter argumental e dramático; portanto, não pode ser ‘descritivo’, como poderia esperar-se, mas *narrativo*. Mais que traçá-lo, é preciso contá-lo”¹⁵. O elemento central está na narratividade do mundo pessoal, ou seja, ele é um mapa narrativo, conta-se uma história.

Podemos ver um mapa do mundo pessoal em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, pois a obra tem como cenário uma narrativa, ou seja, conta-se uma história que forma o mundo pessoal do narrador-personagem, o qual tem como centralidade o caráter argumentativo e dramático. A grandeza de Machado está no modo como ele se aproxima do homem sem simplificá-lo:

Que há entre a vida e a morte? Uma curta ponte. Não obstante, se eu não compusesse este capítulo, padeceria o leitor um forte abalo, assaz danoso ao efeito do livro. Saltar de um retrato a um epitáfio, pode ser real e comum; o leitor, *entretanto, não se refugia no livro, senão para escapar à vida*. Não digo que este pensamento seja meu; digo que há nele uma dose de verdade, e que, ao menos, a forma é pitoresca. E repito: não é meu.¹⁶

Machado de Assis apresenta a dramaticidade da vida humana em toda a narrativa, o paradoxo entre o viver e o morrer, ser ou não ser. Essas são características constituintes da pessoa, a qual a faz não viver uma vida simplesmente humana, erradicada na biologia, nos instintos, mas a ser, de fato, pessoal. O mundo pessoal é construído na história, isto é, no tempo, tema em que, segundo Castelar de Carvalho, é uma obsessão machadiana¹⁷, já que a finitude se torna um confronto com o próprio decurso do tempo:

O mais singular é que, se o relógio parava, eu dava-lhe corda, para que ele não deixasse de bater nunca, e eu pudesse contar todos os meus instantes perdidos. Invenções há, que se transformam ou acabam; as mesmas instituições morrem; o relógio é definitivo e perpétuo. O derradeiro homem, ao despedir-se do sol frio e gasto, há de ter um relógio na algibeira, para saber a hora exata em que morre.¹⁸

Por conseguinte, carregar o relógio não é simplesmente para saber a hora em que se morre, mas também para demarcar os momentos em que a história se constitui como pessoal. O autor se vale da ironia para conduzir o leitor a compreender o caráter dramático da vida, pois o livro,

¹⁵ MARIÁS, 2021b, p. 20.

¹⁶ ASSIS, 2014, p. 299. grifo nosso.

¹⁷ CARVALHO, 2010, p. 679.

¹⁸ ASSIS, 2014, p. 167.

que é para ser uma forma de escapismo da vida humana, torna-se elemento constituinte para se confrontar com o próprio sentido da vida. Este só tem significado caso seja capaz de conferir sentido a pessoa em seu confronto com a finitude da vida.

A narrativa de Brás Cubas só tem sentido enquanto mapa pessoal, a partir do confronto da personagem com um elemento peremptório da vida – a morte, o não ser, isto é, com o próprio tempo. O verdadeiro drama da vida humana é a finitude, porém, Machado de Assis reage a esse caráter dando ênfase na sua visão realista, através da afirmação da vida, que acontece a partir da construção da história pessoal do defunto autor.¹⁹

2. O amor como abertura pessoal

A construção do mundo pessoal de Brás Cubas está associada ao dramatismo da finitude da existência humana. Observamos que a narrativa destaca as relações amorosas que o narrador tem ao longo de sua vida, que não são meras histórias, mas, ao contrário, constituem o cenário da narrativa. O realismo machadiano, característica da segunda fase, relativiza o amor romântico, o torna pragmático, centrado em satisfações de prazeres, sem uma manifestação clara de afeto entre as personagens.

Machado de Assis altera o modo como ele escreve as suas obras, como se nota em *Brás Cubas*, já que existe um predomínio de uma narrativa irônica acerca dos fatos ante as próprias ações das personagens. Em outras palavras, o autor procura fornecer mais a sua visão sobre a história, do que descrever o que aconteceu realmente.

Essa característica é preponderante para perceber a importância do amor na obra, em razão de que a “vida já não se reduzia, para ele, aos binômios amor-convenção e indivíduo-sociedade; estes eram aparências, consequências; o essencial estava dentro de cada um, nas zonas secretas do eu”²⁰. Na obra, o amor não é um elemento acidental, mas relevante para a compreensão do próprio mundo pessoal do narrador-personagem.

Ainda valendo-nos das reflexões de Mariás para compreender Brás Cubas, o filósofo espanhol apresenta que o início do dramatismo está no confronto com o diferente, o qual tem sua gênese na oposição entre homem e mulher, não enquanto pessoas, mas sim enquanto sexos diferentes. A articulação entre os sexos gera uma tensão projetiva:

Quando o homem encontra a mulher, e vice-versa, ele vê uma pessoa, mas ao mesmo tempo descobre algo profundamente diferente. Há um elemento de surpresa – embotado pelo hábito, pela frequência do nosso tempo, e mais ainda pelos lugares comuns recebidos –, de descoberta, que é a forma primária da atração, anterior à especificamente sexual.²¹

Observa-se que no filósofo espanhol é central essa oposição inicial, pois ela é o primeiro contato com o caráter dramático da vida, que longe de ser reduzido propriamente aos desejos

¹⁹ CONCEIÇÃO, Douglas Rodrigues da. *Para uma poética da vitalidade: religião e antropologia na escritura machadiana*. 2007. 155 f. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2007, p. 119.

²⁰ PEREIRA, Lúcia Miguel. “Prefácio à novela *Casa velha, de Machado de Assis*”. Rio de Janeiro: Garnier, 1999, p. 52.

²¹ MARÍAS, 2021b, p. 25.

sexuais, está centrada em uma perspectiva biológica. Consideramos esse dado relevante na nossa pesquisa, pois vemos que um dos pontos centrais da história, além daqueles que já foram mencionados, está na paixão de Brás Cubas por quatro mulheres: Marcela, Eugênia, Virgília e Nhã-Loló.

A figura feminina nos romances machadianos é retratada de múltiplas maneiras, que conferem diferentes opiniões acerca do seu papel. Uma de suas comentadoras, Ingrid Stein, defende que as mulheres estão em função do que é masculino, não tendo uma autonomia.²² Já Castelar Carvalho sustenta que o autor brasileiro pode ser considerado um escritor feminista *avant la lettre*, pois elas são descritas como independentes.²³

A construção da personagem feminina já foi estudada por alguns pesquisadores brasileiros²⁴, porém, o escopo de nosso trabalho é delinear o modo como Brás Cubas trata os romances que estabelece a construção do seu mundo pessoal. Observamos que a dimensão sexual na narrativa não pode ser desconsiderada, pois ela constitui um elemento importante na interpretação antropológica e escatológica da obra: a autoafirmação da vida. A paixão e o amor em Brás Cubas não devem ser vistos sob a ótica do romantismo, o qual tinha uma perspectiva escapista da vida, mas pelo contrário: o desejo sexual é parte integrante da intensificação da vida.

As relações amorosas são posteriores ao confronto polar da dimensão sexuada entre feminino e masculino, mas ambos constituem “espelhos em que se descobrem sua condição”²⁵. Observa-se que se interpretarmos a obra machadiana a partir da perspectiva do filósofo espanhol não podemos ver a figura feminina como submissa ao homem, mas, pelo contrário, ambos precisam um do outro para a constituição do mundo pessoal.

Por conseguinte, é nessa dinâmica que deve ser entendida as paixões amorosas em Machado de Assis, pois não são constituídas apenas de uma perspectiva erótica, mas devem ser interpretadas sob a ótica da dimensão pessoal, ou seja, o amor por Marcela, Virgília, Eugênia e Nhã-Loló são tão importantes nas memórias de Brás Cubas, pois revelam, de fato, quem é o próprio Brás:

Sim, eu era esse garção bonito, airoso, abastado; e facilmente se imagina que mais de uma dama inclinou diante de mim a fronte pensativa, ou levantou para mim os olhos cobiçosos. De todas porém a que me cativou logo foi uma... uma... não sei se diga; este livro é casto, ao menos na intenção; na intenção é castíssimo. Mas vá lá; ou se há de dizer tudo ou nada. A que me cativou foi uma dama espanhola. Marcela, a “linda Marcela” como lhe chamavam os rapazes do tempo. E tinham razão os rapazes.²⁶

O primeiro cativo de Brás Cubas foi a bela espanhola Marcela, aquela que é descrita como uma das primeiras a despertar a paixão no defunto autor. A primeira marca da ênfase na intensidade da vida é narrada nas páginas que descrevem Marcela. Observa-se como o narrador se projeta diante da amada, ele se vê a partir da amada – vemos a dimensão pessoal na narrativa.

²² STEIN, Ingrid. *As figuras femininas em Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

²³ CARVALHO, 2010, p. 651.

²⁴ Podemos citar os trabalhos de Ingrid Stein (1984) e RIBEIRO, Luis Felipe. *Mulheres de Papel: Um Estudo do Imaginário em José de Alencar e Machado de Assis*. Niterói, RJ: EDUFF, 1996.

²⁵ MARÍAS, 2021b, p. 28.

²⁶ ASSIS, 2014, p. 75.

Todavia, a paixão que Brás Cubas tem por Marcela causa um descontrole nele, pois parece que ela toma a direção da própria vida do narrador: “Marcela amou-me durante quinze meses e onze contos réis; nada menos”²⁷. Ela representa um amor interesseiro, promíscuo, que faz tudo pelo dinheiro, porém, a sua ambição desperta no narrador um encontro consigo mesmo: “Primeira comoção da minha juventude, que doce que me foste! Tal devia ser, na criação bíblica, o efeito do primeiro sol. Imagina tu esse efeito do primeiro sol, a bater de chapa na face de um mundo em flor”²⁸.

Marcela é aquela que confronta Brás com o drama da existência pela primeira vez, segundo a narrativa, pois é o “primeiro sol” a iluminar tanto as virtudes, que demonstram a sua capacidade de amar, mas também as sombras que estão no seu interior humano, que revelam a sua incompletude. Ao se afastar dela e ir à Europa, o narrador tem contato com outras mulheres, que de uma certa maneira são irrelevantes para ele, pois ele não faz questão de descrever suas aventuras amorosas no velho continente.

Ao retornar da Europa, Brás visita D. Eusébia, onde conhece Eugênia, que logo desperta o seu interesse, por se apresentar como uma moça bem-educada e bonita. Apesar de ter “uns olhos tão lúcidos, uma boca tão fresca, uma compostura tão senhoril”²⁹, ele se frustra e a despede por apresentar um defeito físico: “Por que bonita, se coxa? Por que coxa, se bonita?”³⁰. Enquanto Marcela abre o horizonte para as luzes e sombras da existência de Brás, Eugênia o confronta com os padrões de perfeição, que não se restringem a dimensão corpórea, mas se estendem por toda a vida humana. Ademais, sobretudo, uma das principais críticas machadianas se refere a sociedade burguesa de sua época, que exige altos padrões estéticos das pessoas.

Por desejo de vê-lo casado, a irmã de Brás, Sabina, apresenta a ele Nhã-Loló, uma moça bonita, de aparência angelical. Ela possibilita ao narrador um amor de conveniência social, pois está apta para o casamento. No entanto, antes mesmo que algo aconteça entre os dois, ela falece aos dezenove anos em decorrência de um estado febril. Diferentemente de Eugênia, Brás cogita se casar com a jovem moça, que tem o desejo de ascensão social, pois vinha de uma família de classe baixa, todavia, com a fatalidade não é possível concretizar tal convenção.

Dentro das quatro relações a que mais se destaca é a figura de Virgília, em razão dela acompanhar o leitor durante boa parte da narrativa, de uma certa maneira ela une a morte e a juventude de Brás, pois está presente em seus últimos momentos, bem como no auge da mocidade do narrador. Entre os romances, ela é a mulher mais bem detalhada, ele a conheceu quando ela tinha entre quinze e dezesseis anos, devido o conselho de seu pai, porém, ela prefere Lobo Neves a Brás Cubas, devido ao título que ele poderia dar a ela de baronesa. Após alguns anos, ao revê-la o narrador constata que o casamento havia a deixado mais bonita e, a partir desse momento, se reinicia o romance através de um jogo sedutor de Brás que a convence a cometer o adultério: “Eis-nos a caminhar sem saber até onde, nem por que estradas escusas”³¹.

Brás retrata Virgília como chantagista, dissimulada nas estradas do adultério. Devido a questões políticas do marido, ela se distancia do narrador, mas estes se reencontram no velório de Lobo, o qual faz questão de afirmar que ela “traíra o marido com sinceridade e agora chorava

²⁷ ASSIS, 2014, p. 84.

²⁸ ASSIS, 2014, p. 79.

²⁹ ASSIS, 2014, p. 126.

³⁰ ASSIS, 2014, p. 126.

³¹ ASSIS, 2014, p. 171.

com sinceridade”³². Por fim, eles novamente se encontram no leito de morte de Brás, que são retratados nos capítulos iniciais da obra. Uma das diferenças dos outros romances na obra é que o amor carnal se sobressai diante da possibilidade de uma vida social, isto é, agora impera em Brás, bem como em Virgília o desejo de se unirem, apesar de toda dificuldade.

À vista disso, podemos recorrer a distinção que Marías realiza entre o amor e a paixão, o qual é um conceito central para entendermos o amor machadiano:

Eu distingo, há muito tempo, “amar” de “estar apaixonado”, forma suprema e radical do amor. Amar é projetar-se amorosamente em direção à outra pessoa; estar apaixonado significa que a outra pessoa se torna meu projeto. O primeiro já implica uma transformação da minha realidade: eu sou aquele que ama tal pessoa; no segundo caso produz-se uma estranha transmigração, em que a condição projetiva é dual, sem possibilidade de separação, mas sem que a distinção se anule, porque é precisamente o conteúdo do projeto.³³

Observa-se claramente que Brás Cubas está apaixonado por Marcela, pois ela constitui o seu projeto, o seu anseio pessoal, o que provoca nele o desgoverno de suas paixões: “Ficando a sós, derramei todo o desespero de meu coração; disse-lhe que ela era um monstro, que jamais me tivera amor, que me deixara descer a tudo, sem ter ao menos a desculpa da sinceridade; chamei-lhe muitos nomes feios”³⁴. Já com Eugênia, no primeiro momento desperta o desejo de Brás, entretanto, ele não se deixa conduzir pelas veredas do amor. Assim acontece com Nhã-Loló, que apesar de ser um excelente partido social, não se consegue concretizar nada, devido o falecimento repentino da jovem moça.

Podemos considerar que a principal paixão de Cubas é Virgília, a qual é descrita como “bonita, fresca, sala das mãos da natureza, cheia daquele feitiço, precário e eterno, que o indivíduo passa a outro indivíduo, para os fins secretos da criação”³⁵. Nesta relação, percebemos também os impulsos vitais relacionados a dimensão erótica, ou seja, a paixão pela vida está intrinsecamente relacionada aos relacionamentos amorosos:

Há umas plantas que nascem e crescem depressa; outras são tardias e pecas. O nosso amor era daquelas; brotou com tal ímpeto e tanta seiva, que, dentro em pouco, era a mais vasta, folhuda e exuberante criatura dos bosques. Não lhes poderei dizer, ao certo, os dias que durou esse crescimento [...] Uniu-nos esse beijo único, – breve como a ocasião, ardente como o amor, prólogo de uma vida de delícias, de terrores, de remorsos, de prazeres que rematavam em dor, de aflições que desabrochavam em alegria, – uma hipocrisia paciente e sistemática, único freio de uma paixão sem freio, – vida de agitações, de cóleras, de desesperos e de ciúmes, que uma hora pagava à farta e de sobra.³⁶

O amor revela a dimensão projetiva do narrador defunto, desperta nele coragem de viver, pois revela o objetivo para o qual ele nasceu. O amor instala o indivíduo na realidade, de modo que o enigma da vida humana parece ser solucionado, já que “quando a disposição amorosa se intensifica e concretiza, quando se concentra numa pessoa, a primeira coisa que acontece é sua

³² ASSIS, 2014, p. 344.

³³ MARÍAS, 2021b, p. 109.

³⁴ ASSIS, 2014, p. 85.

³⁵ ASSIS, 2014, p. 114.

³⁶ ASSIS, 2014, p. 166.

personalidade emergir e se afirmar com atributos de unicidade, insubstituibilidade”³⁷. Observamos que esse desejo pela afirmação da vida e a sua ligação com as relações amorosas foi bem expresso por Machado de Assis em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, ou seja, a intensidade da vida está relacionada com o modo de amar. Nas memórias do defunto autor o amar está tão conjugado com o desejo de viver que é quase impossível dissociá-los.

O maior drama da vida humana reside nesses dois questionamentos: “Por quê” e “Para quê”, principalmente ao serem confrontados diante da finitude, do não-ser. O homem luta para “ser”, o qual podemos afirmar que a forma máxima da expressão pessoal é o amor, então o ser humano é *pessoa* quando ele ama. A antropologia machadiana manifesta justamente essa afirmação da vida, do ser, por meio do amor.³⁸

Apesar da ênfase a imanência, Machado de Assis não exclui a transcendência e a apresenta em uma perspectiva diferente, sobretudo nas entrelinhas, pois o amor o leva a transcender, a ultrapassar-se, a imaginar: “viver *pessoalmente*, a partir da própria mesmidade e projetando-se em direção a uma outra, imaginando-a e transladando-se até ela, supõe uma tensão um esforço”³⁹.

Apesar de Machado de Assis não se valer do termo imortalidade, este se encontra na perspectiva do amor, pois quem ama torna-se imortal, pois o amor confere imortalidade à ação, em razão de que a pessoa atua com o próprio ser em contraposição ao não-ser. Observamos que no romance o binômio “amor-morte” é um adágio que acompanha a vida de Cubas.

Após o envolvimento com Marcela, a saída e o retorno ao Brasil, temos o primeiro contato do narrador com a morte: “Mas esse duelo do ser e do não ser, a morte em ação, dolorida, contraída, convulsa, sem aparelho político ou filosófico, a morte de uma pessoa amada, essa foi a primeira vez que a pude encarar”⁴⁰. A morte de sua mãe causa uma dor profunda e, ao mesmo tempo, um contato com o drama da existência, tanto que ele reflete a partida da mãe com a morte de grandes personagens da História: César, Sócrates e Catão.

Outro momento em que notamos expressamente essa realidade está na morte de Nhã-Loló, que antes mesmo de construírem uma relação, ela morre repentinamente. Ademais, Marcela tem um triste fim, pois morre abandonada no Hospital da Misericórdia. Eugênia no final da vida mora sozinha em um sobrado. A única que permanece intacta em sua beleza é Virgília, que sua presença pode ser considerada uma ressurreição.⁴¹ Ela sobrevive a morte de dois de seus amantes: o marido e Brás Cubas. O defunto autor a coloca como sua leitora, de modo que ele a imortaliza na história:

Aí tem o leitor, em poucas linhas, o retrato físico e moral da pessoa que devia influir mais tarde na minha vida; era aquilo com dezesseis anos. Tu que me lêes, se ainda fores viva, quando estas páginas vierem à luz, — tu que me lêes, Virgília amada, não reparas na diferença entre a linguagem de hoje e a que primeiro empreguei quando te vi? Crê que era tão sincero então como agora; a morte não me tornou rabugento, nem injusto.

— Mas, dirás tu, como é que podes assim discernir a verdade daquele tempo, e exprimi-la depois de tantos anos?

³⁷ MARÍAS, 2021b, p. 100.

³⁸ CONCEIÇÃO, 2007, p. 38.

³⁹ MARÍAS, 2021b, p. 101.

⁴⁰ ASSIS, 2014, p. 101.

⁴¹ RODRIGUES, A. Mulheres Póstumas de Brás Cubas: Virgília Redescoberta. *Terra roxa e outras terras* – Revista de Estudos Literários, Rio de Janeiro, v. 13, p. 26-37, out. 2008, p. 33.

Ah! indiscreta! ah! ignorantona! Mas é isso mesmo que nos faz senhores da Terra, é esse poder de restaurar o passado, para tocar a instabilidade das nossas impressões e a vaidade dos nossos afetos. Deixa lá dizer Pascal que o homem é um caniço pensante. Não; é uma errata pensante, isso sim. Cada estação da vida é uma edição, que corrige a anterior, e que será corrigida também, até a edição definitiva, que o editor dá de graça aos vermes.⁴²

O capítulo XXVII é um diálogo do morto com a amada, onde se observa que as suas declarações de amor transcendem a morte. A atitude de escrever “implica relações existenciais e essa atitude difusa os enlaça mesmo separados pela morte [...] Enfim, a musa virgiliana que se tornou sua leitora para todo o sempre, no infinito memorial dos dois”⁴³. Podemos afirmar que ao imortalizar Virgília, Brás também se eterniza, pois ela demonstra ao narrador uma esperança que ultrapassa a morte.

Neste sentido, diante da dramaticidade do narrador diante do amor e da morte, *Memórias Póstumas de Brás Cubas* pode ser considerado um mapa do mundo pessoal do narrador defunto, pois nesta obra machadiana vemos a construção da pessoa, a qual confrontada com a perspectiva do “não-ser” revela o caráter argumentativo e dramático da vida humana. Machado de Assis responde a provocação da finitude através da narrativa de histórias de relações amorosas do autor defunto, o qual no primeiro momento parece ser uma exaltação do prazer humano, mas quando lemos o caráter erótico das histórias percebemos um elemento peremptório: a transcendência do amor, que é capaz de imortalizar-se nas páginas escritas.

3. A transcendência na finitude humana

Machado de Assis, em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, apresenta no personagem principal uma abertura para a transcendência dada no limite da existência humana. O defunto autor, como se autodenomina o narrador, exhibe a sua visão de mundo a partir da finitude humana, não apresentando propriamente um conceito religioso de Deus, mas uma perspectiva existencial do ser humano em consonância com a finalidade da sua vida.

Por conseguinte, na obra não existe uma exclusão da religião, mas, pelo contrário, de acordo com Douglas da Conceição, o autor traz um conceito de transcendência imanente, ou seja, a centralidade do livro está na ênfase dada a vida humana.⁴⁴ Em diversas passagens, Machado de Assis salienta a importância da vida, e não da morte, como alguns leitores podem inferir, ademais, podemos constatar isso especialmente no capítulo *O delírio*, no qual diante do confronto com a Natureza ou Pandora, Brás Cubas suplica mais alguns anos e afirma: “Viver somente, não te peço mais nada. Quem me pôs no coração este amor a vida, senão tu?”⁴⁵.

Raymundo Faoro⁴⁶ defende que Machado de Assis inicia no Brasil, cem anos após a Europa, um movimento em que a religião não tem supremacia na vida e nos costumes das pessoas: “o escritor supõe que o ato religioso não é mais possível, restando, no capítulo das negativas, o

⁴² ASSIS, 2014, p. 114 – 115.

⁴³ RODRIGUES, 2008, p. 36.

⁴⁴ CONCEIÇÃO, 2007, p. 113.

⁴⁵ ASSIS, 2014, p. 53.

⁴⁶ FAORO, Raymundo. *Machado de Assis: a pirâmide e o trapézio*. Rio de Janeiro: Editora Nacional, 1974, p. 398.

espírito que apenas nega”⁴⁷. Ademais, neste sentido, com uma visão próxima é a de Octávio Brandão, que afirma que o escritor brasileiro retrata a miséria do ser humano em decomposição moral.⁴⁸

Porém, em consonância com a tese de Conceição, ao observarmos uma antropologia machadiana constatamos que o elemento religioso não é eliminado, mas, ao contrário, é reafirmado a partir de uma perspectiva: a transcendente imanente⁴⁹: “Porquanto, verdadeiramente há só uma desgraça: é não nascer”⁵⁰. O ser humano machadiano, ao enfatizar a supremacia da vida, não deve ser visto somente pela ótica do pessimismo, em que se destaca apenas os seus impróprios, mas a vitalidade que emerge de um ser apaixonado pela vida.

À vista disso, observamos que existe uma teologia que perpassa o escrito machadiano e ela está intrinsecamente relacionada a antropologia, em que se destaca a supremacia da vida humana. O conceito de ser humano na obra emerge a partir da ideia de “experiência elementar” do teólogo italiano Luigi Giussani: “trata-se de um complexo de exigências e evidências com as quais o homem é lançado no confronto com tudo o que existe”⁵¹. Em outras palavras, a pessoa humana apresentada na obra é aquela que se colocada diante da realidade e de sua finitude e responde positivamente ao viver.

Neste sentido, o narrador indaga a si mesmo a respeito do significado da vida, ou seja, a vida é colocada em confronto consigo mesma: “Reagia a mocidade, era preciso viver. Meti no baú o problema da vida e da morte”⁵². De acordo com Giussani, o critério para a avaliação das experiências “é imanente a nós – dentro de nós – não significa afirmar que nós o façamos sozinhos: ele é tirado da nossa natureza, quer dizer, é algo nos é dado junto com a natureza”⁵³. O autor brasileiro mostra que no interior do próprio ser humano existe esse critério e essa exigência de sentido⁵⁴ não é mais exteriormente, como muitas religiões propõem, mas interiormente, a partir da própria experiência.

A antropologia desenvolvida por Machado de Assis tem origem na imanência, pois está intrinsecamente relacionada às vivências subjetivas do sujeito, porém ela não tem um fim em si mesma, mas faz referência ao transcendente, pois Brás Cubas compreende que a vida é algo dado por outrem: “Creio; eu não sou somente a vida; sou também a morte, e tu estás prestes a me devolver-me o que te emprestei”⁵⁵. O transcendente aqui se revela não como um Criador, mas como uma afirmação da vida, apesar de Deus não ser desconsiderado.

A ideia de experiência elementar é peremptória para compreender a antropologia e a escatologia em Machado de Assis, pois ela reúne em si a totalidade do sujeito, o qual é confrontado com a realidade do mundo. Julián Marías apresenta um conceito próximo ao de Giussani: experiências radicais, o qual faz referência àquelas “que não se inserem simplesmente na estrutura da vida, como um conteúdo dela, mas que determinam e afetam desde a raiz – por isso são radicais”⁵⁶.

⁴⁷ FAORO, 1974, p. 400.

⁴⁸ BRANDÃO, 1958, p. 33.

⁴⁹ CONCEIÇÃO, 2007, p. 115.

⁵⁰ ASSIS, 2014, p. 285.

⁵¹ GIUSSANI, 1988, p. 20.

⁵² ASSIS, 2014, p. 108.

⁵³ GIUSSANI, 1988, p. 20.

⁵⁴ QUEIROZ, M. E. *Machado de Assis e a religião: considerações acerca da alma machadiana*. Aparecida: Ideias e Letras, 2008, p. 189.

⁵⁵ ASSIS, 2014, p. 52.

⁵⁶ MARÍAS, 2021b, p. 85.

É o conjunto de experiências que formam a pessoa humana, as quais essas na maioria das vezes são circunstanciais, isto é, são dadas no mundo sensível, mas constituem a personalidade humana. De uma certa maneira, todas as experiências estão relacionadas a experiência elementar, radical, pois elas se conectam e se interdependem uma das outras. Marías especifica a experiência radical em dois modos: “as constitutivas, que condicionam pelo menos dentro de círculos amplos, a configuração vital, das eventuais que não são necessárias e, portanto, carecem de qualquer universalidade”⁵⁷.

Por conseguinte, a experiência radical, elementar acontece quando o sujeito é confrontado com a dramaticidade da vida, com as perguntas: “Por quê” e “Para quê”. Esses dois questionamentos levam o indivíduo a confrontar-se com a realidade, o qual exige uma resposta dele. Essa experiência orienta as demais experiências circunstanciais, pois “isto é decisivo: ao ter essa experiência sinto-me modificado em minha realidade; não é simplesmente que algo ‘me aconteceu’, mas algo passou a estar em mim, a me constituir, incorporando-se desde então à minha pessoa”⁵⁸.

As experiências de Cubas, a partir da ótica de Marías e Giussani, devem ser vistas como reafirmação da existência e não sob a ótica da eternidade, pois esta, na obra machadiana, “demonstra a emergência da afirmação intransitiva no mundo. Esconde-se nessa imagem do ser humano machadiano a necessidade da descoberta de um campo de sentido sobre o qual a vida humana deve acontecer”⁵⁹.

Brás Cubas é aquele que narra as suas experiências radicais, as quais formaram a sua personalidade, todas elas centradas na finitude e nas relações amorosas. Machado de Assis com destreza coloca o binômio paradoxal: “amor-finitude” como as memórias de um defunto autor, pois nelas estão centralizadas as experiências elementares, radicais:

“Eu me afirmo contra tudo e contra todos”. É muito maior e muito mais verdadeiro amar o infinito, isto é, abraçar a realidade e o ser, ao invés de afirmar-se a si mesmo diante de qualquer realidade. Porque, na verdade, o homem somente se afirma verdadeiramente a si mesmo quando aceita o real; tanto é verdade que o homem começa a afirmar a si mesmo aceitando existir, isto é, aceitando uma realidade que não lhe foi dada por ele mesmo.⁶⁰

Machado de Assis apresenta na obra uma personagem que se afirma diante da vida, que de uma certa maneira aceita a realidade. O ímpeto de viver é traduzido pelas experiências amorosas de Brás Cubas. Ademais, a obra machadiana pode ser considerada como uma narrativa das experiências radicais, elementares, pois toda a história se concentra nessa aceitação da realidade e do ser que emerge dela.

O literário, apesar de escrever um livro intitulado *Memórias*, apresenta uma perspectiva da pessoa humana enquanto “projeto”, ou seja, não como algo acabado e determinado, mas, pelo contrário, como um sujeito que é definido pelas experiências da vida. Marías, em sua obra *A Educação sentimental* analisa obras de literatura sob a ótica da antropologia filosófica, a qual de uma certa maneira nos auxiliou na pesquisa, especialmente no que se refere conjugar Teologia e literatura sob o recorte da antropologia e escatologia:

⁵⁷ MARÍAS, 2021b, p. 86.

⁵⁸ MARÍAS, 2021b, p.86.

⁵⁹ CONCEIÇÃO, 2014, p. 119.

⁶⁰ GIUSSANI, 1988, p. 24.

Se pensarmos na educação sentimental, os fatores decisivos precedentes do primeiro plano são o caráter *projetivo e futuro*, a *liberdade* e necessidade de escolher ou *preferir*. Ao segundo plano pertencem as *instalações*, os *vetores* (em resumo, a *instalação vetorial*), a *sensibilidade*, a condição *sexuada* e a possibilidade *amorosa*. No terceiro plano ocorre a realização efetiva dessas dimensões, que adquirem diversas *configurações*, em diferentes graus e formas de *tonalidade* da vida. Em tudo isso o fator decisivo é a *vitalidade*, a *intensidade da vida*, cuja medida está relacionada a um critério *biográfico*, e não meramente biológico.⁶¹

Observa-se que a obra de Machado de Assis reúne esses fatores descritos pelo filósofo espanhol, pois nota-se que Brás Cubas apresenta em suas memórias uma perspectiva de abertura ao infinito, através do enfrentamento com a finitude. Ao mesmo tempo, este está instalado na realidade, sendo confrontado com o diferente, a mulher, e esta produz sentimentos nele. Esses fatores articulados constituem a biografia do defunto autor, conferindo-lhe uma intensidade de vida que transcende a própria morte.

À vista disso, a vida humana vai sendo descoberta e não está dada, ela acontece na história, na realidade, ela provoca o indivíduo a máxima realização de si mesmo, o qual se manifesta no amor, pois este nos torna livres, ativos, vivos, pois o amor “é afirmação de um Outro como significado de si”⁶².

O outro é necessário no processo de descobrimento enquanto pessoa, pois é ele quem me revela quem de fato sou, dado ele tornar-se significado para mim, para a minha vida. Este sentido não é redutível ao aspecto puramente material, mas pelo contrário – o revelar do outro me leva a transcender – a ultrapassar os limites impostos pela materialidade e ter um contato com o infinito:

Fui ter com Virgília; bem depressa esqueci o Quincas Borba. Virgília era o travesseiro do meu espírito, um travesseiro mole, tépido, aromático, enfronhado em cambraia e bruxelas. Era ali que ele costumava repousar de todas as sensações más, simplesmente enfadonhas, ou até dolorosas. E, bem pesadas as coisas, não era outra a razão da existência de Virgília; não podia ser.⁶³

O outro torna-se refúgio, no qual possa repousar, pois é no contato com ele, através do amor, que posso ser quem de fato sou, ou melhor, é no amor que sou de verdade. A grande relação da antropologia machadiana com o amor está na afirmação do ser na realidade. Ademais, podemos notar alguns traços escatológicos na obra machadiana, em razão de que “a imortalidade, enquanto questão aberta para o ser humano machadiano, é uma realidade que emerge, pontualmente, como possibilidade, diante da hipótese do não-ser”⁶⁴.

Todavia, podemos notar um aspecto relevante na obra – o destaque dado ao amor. O narrador tem quatro grandes histórias de amor durante a sua vida, os quais, segundo Conceição, “o horizonte de Brás Cubas é a vida e amor *eros*, que dela ou por ela emerge, se torna a dimensão que a potencializa”⁶⁵. Para compreender essa dinâmica de descobrimento do mundo pessoal em

⁶¹ MARÍAS, Julián. *A Educação sentimental*. Campinas: Editora Kirion, 2021a, p. 10-11.

⁶² GIUSSANI, Luigi. *É possível viver assim?: Uma diferente abordagem da existência cristã*. São Paulo: Companhia ilimitada, 2008, p. 219.

⁶³ ASSIS, 2014, p. 182.

⁶⁴ CONCEIÇÃO, 2007, p. 115.

⁶⁵ CONCEIÇÃO, 2007, p. 132.

Brás Cubas em relação ao outro, faz-se necessário destacar, segundo a concepção de Marías, as fronteiras que delimitam a pessoa humana, as quais estão presentes na obra de Machado de Assis: os mortos, a religiosidade e Deus.

A primeira fronteira é apresentada pela própria obra em si, pois os mortos não deixam de fazer parte do mundo pessoal, segundo o filósofo espanhol, mas eles continuam subsistindo, em razão de que eles continuam a fazer parte do mundo pessoal de outras pessoas, no caso de Brás Cubas, permanece no da amada Virgília:

O mundo dos mortos tampouco é estático: há mudanças, alterações da localização, variação das “distâncias”. Continua sendo mundo, porque é parte do nosso – mundo é sempre o *meu* mundo, não há mundo em geral ou de ninguém. A condição argumental e dramática é essencial, e persiste através de todas as vicissitudes. O curioso é que, quando nos perguntamos pela realidade de alguém, é improvável que lancemos sequer um olhar à estrutura e ao conteúdo desse mundo fronteiro.⁶⁶

É nesse contexto que se insere a religião, o qual Marías descreve que a maioria afirma a eternidade de todas as pessoas. Inferimos que Machado de Assis defende essa ideia, pois ao escrever as memórias de um defunto autor não queria apenas satirizar a imortalidade da alma. Ademais, a religião para Brás Cubas é como um remédio, tanto que no capítulo CLVII, Brás Cubas considera como uma fase brilhante em sua vida: “e vede agora a minha modéstia; filieime na Ordem Terceira de ***, exerci ali alguns cargos, foi essa a fase mais brilhante da minha vida”⁶⁷. A religião era um peso para o amigo Quincas Borba, mas para Cubas não, tanto que ele chega a considerá-la como o ápice de sua vida, pois ele não vivia apenas o amor erótico, mas começou a praticar a caridade.

É um elemento relevante, pois é um dos únicos momentos que ele fala da caridade:

Não obstante, calo-me, não digo nada, não conto os meus serviços, o que fiz aos pobres e aos enfermos, nem as recompensas que recebi, nada não digo absolutamente nada. [...] Afirimo somente que foi a fase mais brilhante da minha vida. Os quadros eram tristes; tinham a monotonia da desgraça, que é tão aborrecida como a do gozo, e talvez pior. Mas a alegria que se dá à alma dos doentes e dos pobres é recompensa de algum valor; e não me digam que é negativa, por só recebê-la o obsequiado. *Não; eu recebia-a de um modo reflexo, e ainda assim grande, tão grande que me dava excelente ideia de mim mesmo.*⁶⁸

A centralidade do amor em Brás Cubas está no *eros*, nas relações amorosas, porém deve-se salientar esse trecho, o qual aborda traços de uma outra face do amor, a caridade. Nas descrições amorosas, as quais centramos maior parte das nossas reflexões, não vemos elementos abordados nesse excerto acima, como recompensa positiva, a alegria e a elevação da ideia sobre si mesmo. Todos esses estão ligados à ideia de excelência da pessoa por meio do amor, no qual eu não busco satisfazer os meus desejos, mas procuro ajudar o outro.

No entanto, ao tratar de religiões institucionais o autor brasileiro demonstra uma certa antipatia à religião cristã: “o cristianismo é bom para mulheres e os mendigos, e as outras religiões

⁶⁶ MARÍAS, 2021b, p. 69. grifo nosso.

⁶⁷ ASSIS, 2014, p. 352.

⁶⁸ ASSIS, 2014, p. 352. grifo nosso.

não valem mais do que essa: orçam todas pela mesma vulgaridade ou fraqueza”⁶⁹. Essa opinião, apesar de não pertencer a Brás Cubas, mas sim ao seu amigo Quincas Borba, expressa uma marca da ênfase da antropologia imanente machadiana.

Um dos grandes elementos que caracterizam a transcendência na imanência é o ceticismo do narrador, ao satirizar as relações, ironizar suas percepções, sobretudo, religiosas: “Apertei-lhes a mão e saí, a rir comigo da superstição das duas mulheres, um rir filosófico, desinteressado, superior”⁷⁰. Neste sentido, ao ironizar a superstição de D. Eusébia e Eugênia com uma mariposa preta, Brás pontua: “nestas poucas linhas existem duas palavras-chave na ficção machadiana: ceticismo e máscara, símbolos de uma maneira de ver e de estar no mundo, comuns aos personagens da fase realista do autor”⁷¹.

O ceticismo deve ser visto como um recurso literário, para enfatizar as opiniões de Brás, bem como do próprio Machado de Assis. Para isso, podemos evocar um uma crônica do dia 28/02/1897 em que o escritor brasileiro se defende das acusações que ele seria um pessimista e um cético:

Não tireis da última frase a conclusão de ceticismo. Não achareis linhas cétricas nestas minhas conversações dominicais. Se destes com alguma que se possa dizer pessimista, adverte que nada há mais oposto ao ceticismo. Achar que uma coisa é ruim, não é duvidar dela, mas afirmá-la.⁷²

Apesar de não ser propriamente referente aos seus romances, podemos afirmar que esta opinião também se aplica as suas obras realistas, pois o pessimismo, o ceticismo em *Brás Cubas* é a reafirmação da realidade em sua inteireza, isto é, tanto os seus aspectos positivos quanto negativos. O escritor brasileiro é fiel a realidade, tanto que as suas críticas são importantes para compreender a história do país.⁷³

As experiências de Brás Cubas revelam que o ser humano diante do drama da existência deve ser reafirmado, ao mesmo tempo, deve ter consciência de que “cada estação da vida é uma edição, que corrige a anterior, e que será corrigida também, até a edição definitiva, que o editor dá de graça aos vermes”⁷⁴. Porém, essa sucessão temporal não é marcada pelo teleologismo religioso, com uma característica de busca de vida eterna: “grande lascivo, espera-te a voluptuosidade do nada”⁷⁵.

Ao excluir a visão do eterno, Machado de Assis não deixa de apresentar elementos religiosos, pois *Brás Cubas* se torna uma afirmação da vida, elemento caro à religião cristã. A preocupação do narrador em aproveitar o tempo é justamente uma exaltação da vida humana: “O mais singular é que, se o relógio parava, eu dava-lhe corda, para que ele não deixasse de bater nunca, e eu pudesse contar todos os meus instantes perdidos”⁷⁶, em outro momento da obra ele afirma: “Mas não, não quero perder tempo”⁷⁷.

⁶⁹ ASSIS, 2014, p. 351.

⁷⁰ ASSIS, 2014, p. 121.

⁷¹ CARVALHO, 2010, p. 668.

⁷² ASSIS, Machado. A semana – 248. *Machadiana Eletrônica*, Vitória, v. 7, n. 14, p. 475-490, jul.-dez. 2024, p. 477.

⁷³ BRANDÃO, 1958, p. 31.

⁷⁴ ASSIS, 2014, p. 115.

⁷⁵ ASSIS, 2014, p. 52.

⁷⁶ ASSIS, 2014, p. 167.

⁷⁷ ASSIS, 2014, p. 282.

Observamos que a obra de Machado de Assis apresenta a antropologia e escatologia, a partir da ideia de intensificação da vida, ou seja, *Brás Cubas*, ao longo do livro, demonstra o desejo de viver, de ser. Ademais, pode-se considerar que o sentido da vida, para ele, está no amor, pois toda a narrativa se concentra nas suas relações amorosas, no modo como ele ama, não somente eroticamente, mas caritativamente.

Desta maneira, Machado de Assis contribui para “os estudos de religião quando, no horizonte da cultura moderna, pôde criar uma hermenêutica particular do sentido da vida e do ser humano”⁷⁸. A transcendência não é eliminada na imanência do realismo machadiano, mas, ao contrário, são conjugadas, de modo que o ser humano machadiano revela uma universalidade antropológica.

Considerações finais

Em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, observa-se que o ser humano machadiano é aquele que se confronta com a finitude e busca responder sobre o sentido da vida. Nesta dinâmica, a constituição da pessoa humana acontece, para Machado de Assis, no caráter dramático da vida, o qual este procura solucionar o “Por quê” e o “Para quê” da existência.

Machado de Assis, apesar de não descrever uma perspectiva totalmente religiosa, ao longo da obra, apresenta nas narrativas a composição do mundo pessoal de *Brás Cubas*, o qual está centralizado nas relações amorosas. O defunto autor se descobre nos seus contatos amorosos e estes o elevam a uma dimensão totalmente oposta à morte.

As relações eróticas na obra revelam uma dupla perspectiva: antropológica, pois manifestam quem é o próprio *Brás Cubas*; e escatológica, já que o amor aparece como afirmação da vida, intensificação desta. Ademais, apesar da crítica a religião, essas realidades apresentadas pelo escritor brasileiro revelam que o aspecto religioso está presente na obra, principalmente sobre o aspecto de valorização da vida.

O amor em *Brás Cubas* não é simplesmente erótico, mas revela uma face de amor doação, pois este, além de intensificar a vida, a eterniza, sobretudo, na figura da bela Virgília. A imortalidade, apesar de não ser explícita em Machado de Assis, está contida na ideia de eternidade através do amor. O amor leva à transcendência, a partir do contato com o outro, porém em *Brás Cubas* esta tem uma característica imanente, pois o olhar se volta totalmente para o aproveitamento da vida presente.

Referências

- ASSIS, Machado de. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. 1. ed. São Paulo: Penguin Classics, Companhia das Letras, 2014.
- ASSIS, Machado. A semana – 248. *Machadiana Eletrônica*, Vitória, v. 7, n. 14, p. 475-490, jul.-dez. 2024, p. 477.
- BRANDÃO, Octávio. *O niilista Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Simões Editora, 1958.

⁷⁸ CONCEIÇÃO, 2007, p. 140.

- CARVALHO, Castelar. *Dicionário de Machado de Assis: língua, estilo, temas*. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.
- CONCEIÇÃO, Douglas Rodrigues da. *Para uma poética da vitalidade: religião e antropologia na escritura machadiana*. 2007. 155 f. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2007.
- COUTINHO, Afrânio. *Introdução à Literatura no Brasil*. 18ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- COUTINHO, Afrânio. *Machado de Assis na literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 1990.
- FAORO, Raymundo. *Machado de Assis: a pirâmide e o trapézio*. Rio de Janeiro: Editora Nacional, 1974.
- GIUSSANI, Luigi. *É possível viver assim?: Uma diferente abordagem da existência cristã*. São Paulo: Companhia ilimitada, 2008.
- GIUSSANI, Luigi. *O senso religioso*. São Paulo: Companhia ilimitada, 1988.
- MANZATTO, Antonio. *Teologia e Literatura: reflexão teológica a partir da antropologia contida nos romances de Jorge Amado*. São Paulo: Loyola, 1994.
- MARÍAS, Julián. *A Educação sentimental*. Campinas: Editora Kírion, 2021a. _____. *Mapa do mundo pessoal*. Campinas: Editora Auster, 2021b.
- MOISÉS, Massaud. *Machado de Assis: ficção e utopia*. São Paulo: Cultrix, 2001, p. 24.
- PEREIRA, Lúcia Miguel. “Prefácio à novela *Casa velha, de Machado de Assis*”. Rio de Janeiro: Garnier, 1999
- REALE, Miguel. *A filosofia na obra de Machado de Assis*. São Paulo: Pioneira, 1982.
- RIBEIRO, Luis Felipe. *Mulheres de Papel: Um Estudo do Imaginário em José de Alencar e Machado de Assis*. Niterói, RJ: EDUFF, 1996.
- RODRIGUES, Augusto. *Mulheres Póstumas de Brás Cubas: Virgília Redescoberta. Terra roxa e outras terras* – Revista de Estudos Literários, Rio de Janeiro, v. 13, p.26-37, out. 2008a.
- RODRIGUES, Antenor Salzer. *Machado de Assis: personagens e destinos*. Rio de Janeiro: Bom Texto, 2008b.
- STEIN, Ingrid. *As figuras femininas em Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- QUEIROZ, M. E. *Machado de Assis e a religião: considerações acerca da alma machadiana*. Aparecida: Ideias e Letras, 2008.

Submetido em: 12/12/2023

Aprovado em: 17/06/2024